Ser feliz com quem **quiser**

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019

Adhemyr Fortunatto

EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Merari Tavares

CAPA e DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F745s FORTUNATTO, ADhemyr. 1953 -
Ser feliz com quem quiser / ADhemyr Fortunatto -
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019.

186 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-521-8

1. Romance I. Título

CDD.: B869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Este livro foi editado segundo as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, vigente.

Copyright © 2018 by ADhemyr Fortunatto (Ademir Fortunato da Silva)

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

PRIMEIRA PARTE
OS INEXISTENTES

1

— Amor, amor mesmo, eu passei há muitos e muitos anos a não ter mais por ele. O que tenho é uma amizade, tanto que, juntamente com as enfermeiras, cuido dele — disse ela, pensativamente.

Absorto, Nilsson Dessicler perguntou:

— Há quanto tempo mesmo, mãe, que deixou de amá-lo?

Do outro lado da rua, uma jovem mãe, num portão, brincava com seu filhinho. Ela, olhando-o, disse:

— Quando você era pequeno parecia aquele garotinho. Cabelos claros, claros...

Ele, agora homem feito, vinte e cinco anos, nascido no dia vinte e sete de outubro, reparou no menino, mesmo notando que ela não respondera o seu comentário. Foi quando ela subitamente confessou:

— Certa vez, quando você era pequeno, como aquele garoto, foi pôr a mãozinha na perna dele, então ele disse, irritado: "Sai pra lá!" ...

— Ah? — fez, chocado.

— Sim, filho. A partir dali meu amor pelo seu pai foi acabando, acabando... Até que acabou tudo...

Pensativo, transpassou o olhar por ela, parando nele.

Ali estava ele, ele mesmo, o seu pai, o grande bilionário, que veio ao mundo em um certo dia primeiro de agosto, e que conseguiu quase do nada erguer as Organizações Dessicler, agora sendo consumido dia a dia pelo mal de Alzheimer.

Seu pai ali, aquele mesmo que teria, segundo ela, se afastado dele, quando tentara se aproximar, há muitos anos, quando criança.

Agora juntos os três: seu pai mal sabendo das coisas, sua mãe, e ele...

Encontravam-se, enfim, os três em circunstância até então impensadas.

E as confissões não paravam de jorrar...

2

Quanto a ele e ao seu pai, foi então que notou que suas aversões mútuas vinham de outros tempos — quase toda uma vida –, e desta vida mesmo, ao contrário do que chegou a pensar numa época, na adolescência: *"Essa aversão deve ser coisa de outras vidas!"*. Nada! Dessa mesma vida, sua mãe acabara de confessar sem que ele tivesse perguntado.

Mas o homem que tanto antagonizara consigo durante a vida toda, ali não estava mais, deduziu ele, pensando melhor.

Já nem conseguia saber onde ficava a toalete, coitado; urinava onde quer que estivesse. Mal do mal que o consumia... Era quase um inexistente.

Aí, tão logo perguntou então como o conhecera, sua mãe, nascida no dia vinte e dois de abril, desandou a falar novamente:

— Ele bebia demais, era um verdadeiro alcoólatra, o apelido dele era Pingaiada. Muito mais velho que eu, e não tinha onde cair morto, e meu pai — seu avô José Maria –, que era sitiante lá no Bairro do Mico, queria que as filhas todas casassem com alguém de posse, e não com alguma pessoa sem um vintém.

— Deve ter sido difícil... — contemporizou.

— Sim. Mas, contrariando o anseio do seu avô, casei, e ainda bem que depois de um tempo intimei-o a parar de beber senão largaria dele, e ele parou mesmo de beber. E depois de alguns anos também deixou de fumar. Meu pai foi adquirindo, com o passar dos anos, mais e mais terras; naquele tempo, a cana de açúcar dava muito dinheiro.

Falecido então o seu avô, entrou em cena o seu pai, que com a parte que herdamos, fundou a então modesta Indústria Dessicler.

Não deixou de admirar a força de vontade de seu pai. Agora, ali, do lado deles, falando coisas até sem nexo, quase um inexistente... Parecendo mesmo prisioneiro de um corpo combalido.

Nilsson Dessicler então teve um pensamento estranho, assim**:** *"A vida parece mesmo ser uma sequência de mutações, até nos vermos prisioneiros de um corpo; eis-nos, enfim, inexistentes; e nada mais..." ...*

Do seu avô só ficara a herança e as lembranças alegres; de seu pai, logo restariam as Organizações Dessicler, e algumas desavenças, que logo seriam perdidas.

3

Eu era ainda solteira, não o tinha o conhecido — ia contando ela –, então, quando certa ocasião, meu irmão — até então o caçula — passou mal e tivemos que levá-lo ao médico, na cidade, Sertãozinho, que dava em cerca de uma hora e meia de carrinho puxado por cavalo. Não existiam automóveis naquela época onde morávamos. Os que haviam, frisou ela, deveriam estar bem longe de nós. Então fomos de carrinho *(que era puxado por um cavalo manso)* que sacolejava demais, meu pai e eu, e o nenê no meu colo. Minha mãe não pudera ir, pois estava grávida. Depois de uma hora e meia chegamos à cidade, e seu avô logo levou o nenê ao médico. Este passou remédios, que foram comprados imediatamente pelo meu pai. Num momento ele colocou o carrinho debaixo de uma sombra, arranjou algum capim ao cavalo, e saiu, dizendo que voltaria logo. Quando voltou estava completamente bêbado; mal conseguiu subir no carrinho, e nem pensar em guiar. Eu tinha alguma prática, embora mocinha, mas tinha que segurar o nenê. E aconteceu que tive que dirigir o carrinho com uma mão, e levando o nenê no outro braço, enquanto seu avô — completamente bêbado — dormia no fundo do carrinho, até babando, sem noção de nada. Pela estrada íamos encontrando algumas carroças que, puxadas por bois ou burros, levavam cana para a Usina Santa Eliza. Todos esses carroceiros eram 'amigos' de seu avô, mas sequer perguntavam o que havia acontecido; poderiam prestar alguma ajuda, mas quê... Foi difícil a viagem — talvez a mais difícil da minha vida — e, enfim, chegamos a casa depois de quase duas horas. Ainda bem que o cavalo era muito

pacato. Bem, aí fui ajudada a descer do carrinho com o nenê no colo; meus braços doíam. Meu pai nem conseguia se levantar, meu irmão mais velho assistido pelos outros menores, retiraram-no e levaram-no para a cama. Aí minha mãe queria saber como dar o remédio prescrito. Eu não sabia ler, nem ela, nem meus irmãos, muito menos meu pai. Quando perguntado por minha mãe como daria o remédio ao nenê — o que o médico dissera –, ele enrolou a língua, ria, deitado na cama, ainda bêbado. Nervosa, ela tirou o chinelo do pé. Era um chinelo de madeira, duro e pesado, e o deu na cara do seu avô. Ele titubeou, caiu sentado na cama e ali ficou até no outro dia. Ao acordar — como sempre acontece –, pediu desculpas e chorou; arrependimento de bêbado. Minha mãe — sua avó — sabia também: logo ele cairia em outra e, assim sob sol, poeira, dificuldades no trabalho da roça e bebida, a vida seguia. E assim os anos iam passando; vez por outra, um baile, um toque de sanfona; alegria... Era, com efeito, preciso alegria naquele cenário!... E foi num desses bailes que vi o seu pai. Ele era bonito e dançava muito bem! Mas tinha muito mais idade que eu e, ainda por cima, era beberrão e pobre. E eu, pelo que vivíamos em casa, já tinha experiência de como lidar com bêbado.... Ou pensava que tinha.

4

Tais confissões da mãe não passaram incólumes ao espírito suscetível de Nilsson Dessicler, mesmo naquela idade. Quando retornou à capital, sentia-se bem transformado. Fora impactante ver o pai naquele estado, a mãe andando com auxílio de um andador, e enfermeiras por tudo que era canto da mansão.

Ele passou vários dias pensativo. Toda pessoa que ele via imaginava como ficaria quando envelhecesse... Pela *internet*, ficava vendo fotos de figuras conhecidas no mundo. Como eram antes e depois de passados muitos anos... Ficava impressionado de como muitos mudavam completamente; não pareciam as pessoas de antes.

Ele era rico e filho único, e não queria por enquanto assumir o Grupo Dessicler. Após a doença do pai, a mãe, juntamente com um tio, comandava tudo. Em algum tempo, ele sabia, teria que tomar as rédeas dos negócios. Mas por enquanto, não. O que fazia era viver. Coisa rara, aliás, num mundo de mortos e inexistentes — cáustico –, pensava assim consigo mesmo.

E diante do estado em que viu seus pais, diante da declaração da mãe de que o pai o evitara quando pequeno, diante de tanta coisa, ele decidiu que iria continuar sim a ser um *bon vivant*.

Praticava esportes. Gostava de pintar; amava o teatro, a poesia e a música. Sempre tinha o que fazer, portanto. Tocava um instrumento quando nenhuma das outras opções de lazer o ocupavam. Ou viajava.

Ele pensava muito em toda riqueza que possuía, que, se fosse o caso, nem saberia como dilapidar... Sabia que já tinha fisicamente

Composto em Minion Pro e
impresso em Polen Soft 80g/m²
em São Paulo para Editora Penalux,
em junho de 2019.